



**Por que esta noite é
diferente das outras?**



**LEMONY
SNICKET**

Ilustrações: Seth
Tradução: André Czarnobai

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2015 by Lemony Snicket
Copyright das ilustrações © 2015 by Seth
Copyright da ilustração da capa © 2015 by Seth
Copyright da capa © 2015 by Hachette Book Group, Inc.

Publicado mediante acordo com Charlotte Sheedy Literary Agency.
Todos os direitos reservados.

Ilustrações publicadas mediante acordo com Little, Brown, and Company,
Nova York, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz s.a.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Why Is This Night Different from All Other Nights?

Capa

Gail Doobinin

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Adriana Bairrada

Luciana Baraldi

Composição

Estúdio O.L.M./ Flavio Peralta

Impressão e acabamento

Geográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Snicket, Lemony

Por que esta noite é diferente das outras? / Lemony Snicket ; ilustrações
Seth ; tradução André Czarnobai. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: *Why Is This Night Different From All Other Nights?*
ISBN 978-85-65765-96-1

1. Ficção — Literatura infantojuvenil 1. Seth. II. Título.

16-00760

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

A marca fsc® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do
papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira
ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável,
além de outras fontes de origem controlada.



**Por que esta noite é
diferente das outras?**





1

Havia um vilarejo, um trem e um assassinato. Eu estava no trem e pensei que se desvendasse o assassinato poderia salvar o vilarejo. Tinha quase treze anos e estava errado. Sobre tudo. Devia ter perguntado: “É mais terrível ser um assassino ou deixar um assassino à solta?”. Em vez disso, fiz a pergunta errada — quatro perguntas erradas, mais ou menos. Esta é a história da última delas.

Eu estava num quarto pequeno. Não conseguia dormir e não gostava daquilo. O quarto era chamado de Suíte Extremo Oriente e fica desconfortavelmente localizado no Braços Perdidos, o único hotel do vilarejo.

Havia uma cômoda cheia de gavetas e uma mesinha com uma chapa responsável por esquentar diversas refeições muito ruins. Um objeto intrigante pendurado no teto era a ideia que alguém tinha de uma luminária, e a garota segurando um cachorro machucado era a ideia que outro alguém tinha de uma pintura. Havia uma janela com persiana, de modo que o quarto ficava escuro demais, exceto pela manhã, quando era claro demais.

Boa parte do cômodo era ocupada por duas camas, e boa parte do que eu não gostava dormia na maior delas. Seu nome era S. Theodora Markson. Eu era seu aprendiz e ela era minha tutora, a pessoa que tinha me levado até o vilarejo de Manchado-pelo-mar. Ela tinha uma cabeleira selvagem e um carro verde, e essas eram as melhores coisas que eu poderia dizer sobre ela. Tínhamos brigado por causa de nosso último grande caso, e você pode ler sobre isso se for o tipo de pessoa que gosta de ler sobre as brigas dos outros. Ela ainda estava brava comigo e havia me informado que eu não tinha permissão para ficar bravo com ela. Não conversávamos muito, exceto quando eu perguntava o que o S em seu nome queria dizer, e ela respondia: “Pare de

perguntar isso”. Naquela noite ela havia decretado que iríamos para a cama mais cedo. Não há nada de errado em ir para a cama mais cedo, desde que você não faça questão de que todo mundo vá também. Agora a cabeleira selvagem dela estava esparramada no travesseiro como uma vassoura que se jogou do telhado, e Theodora roncava como eu nunca tinha ouvido antes. É muito solitário ficar deitado na cama completamente sem sono, ouvindo outra pessoa roncar.

Eu disse a mim mesmo que não tinha motivos para me sentir sozinho. Tinha vários amigos em Manchado-pelo-mar, pessoas mais ou menos da minha idade, com os mesmos interesses que eu. O principal interesse era derrotar um vilão chamado Tiro Furado. Meus aliados e eu criamos uma filial ad hoc da organização que me enviou ao vilarejo. “Ad hoc” significa que agíamos por conta própria e inventávamos tudo à medida que as coisas iam acontecendo. Tiro Furado atuava nas sombras, tramando um plano para pôr as mãos na estatueta de uma criatura mitológica chamada Fera Ressonante. Então meus amigos e eu também tivemos de manter nossas atividades em segredo, para que ele não soubesse

nada a nosso respeito. Paramos de nos encontrar com tanta frequência, mas continuamos trabalhando separadamente na esperança de deter Tiro Furado e salvar Manchado-pelo-mar.

O apito distante de um trem me lembrou de que até então meus aliados e eu não tivéramos muito sucesso. Manchado-pelo-mar era um vilarejo que tinha definhado até quase desaparecer. O mar havia sido drenado para salvar a indústria de tinta, mas agora era a indústria de tinta que estava sendo drenada, e tudo no vilarejo estava indo para o ralo com ela. O jornal estava fechado. A única escola decente tinha sido incendiada, e as crianças viraram prisioneiras. Tiro Furado e seus comparsas da Sociedade Desumana tinham prendido todas na Academia da Maré, uma escola abandonada na Ilha Distante, por algum motivo nefasto, uma palavra que, neste contexto, quer dizer “perverso, envolvendo melões verdes roubados e certos equipamentos de um aquário abandonado”. O único bibliotecário do vilarejo, Dashiell Qwerty, tinha sido acusado de incêndio criminoso, então agora os únicos policiais do vilarejo iam tirar o único bibliotecário do vilarejo de sua cela e o

levar até o único trem do vilarejo, para que ele aguardasse por seu julgamento na cidade.

“Você sabe quem mais está na cidade aguardando pelo próprio julgamento”, disse a mim mesmo, embora pensar na minha irmã não me ajudasse a dormir. Kit tinha sido pega numa missão, e eu deveria estar lá para ajudá-la. Aquilo fazia eu me sentir muito mal, por isso imaginava cartas que poderia mandar para ela. Começavam sempre com “Prezada Kit”, mas depois eu me atrapalhava. Às vezes prometia que ia tirá-la de lá, mas essa era uma promessa que eu não podia cumprir. Às vezes dizia que ela estaria livre em breve, mas eu não sabia se aquilo era verdade. Eu dizia que pensava nela, mas parecia muito bobo, então eu amassava as cartas imaginárias e as jogava numa lata de lixo imaginária.

E tinha uma pessoa que tirava o meu sono mais do que qualquer outra. Ellington Feint, assim como eu, era mais ou menos nova no vilarejo, e tinha chegado para resgatar seu pai das garras de Tiro Furado. Ela tinha me dito que faria “qualquer coisa” para resgatá-lo, e “qualquer coisa” acabou se tornando uma expressão que queria dizer “diversos crimes terríveis”. Ela tinha sido presa,

e agora estava trancafiada na minúscula cadeia de Manchado-pelo-mar. “O trem também está vindo por ela”, disse a mim mesmo. Em breve Ellington atravessará o vale que um dia foi o fundo do mar. Passará pela Floresta Aglomerada, uma paisagem vasta e sem lei composta de algas que deram um jeito de sobreviver sem água. Talvez você nunca mais a veja de novo.

Tanta gente em quem pensar, Snicket, e mesmo assim você está sozinho.

Ouvi o apito do trem de novo, dessa vez mais alto, ou talvez só parecesse mais alto porque o ronco esquisito de Theodora havia parado. Ele tinha parado porque não era um ronco. Ela estava fingindo que estava dormindo. Fechei os olhos e fiquei imóvel para que pudesse descobrir o motivo disso.

— Snicket? — ela sussurrou no quarto escuro. — Lemony Snicket?

Não dei um pio. Quando fingir que está dormindo, você nunca deve fingir que está roncando na frente de alguém que já tenha te ouvido roncar de verdade. Você deve simplesmente respirar e ficar imóvel. Essa estratégia pode ser útil em várias situações.

— Snicket?

Permaneci respirando imóvel.

— Snicket, sei que você está acordado.

Eu não ia cair naquele velho truque. Ouvi Theodora suspirar e depois, fazendo muito barulho, sair da cama e caminhar até o banheiro. Ouvi um clique e um fino feixe de luz atingiu meu rosto. Deixei que me atingisse. Theodora ficou fazendo um tumulto no banheiro e logo depois a luz se apagou e ela caminhou pela Suíte Extremo Oriente, com os passos emitindo um barulho diferente. Ela havia calçado suas botas, percebi. Estava saindo no meio da noite, bem quando o trem chegava.

Ouvi o barulho da maçaneta. Theodora me lançou um último olhar. Talvez eu devesse ter aberto os olhos ou simplesmente dito “Boa sorte”. Teria sido divertido dar um susto nela. Mas a deixei sair e fechar a porta.

Decidi contar até dez para ter certeza de que Theodora tinha mesmo ido embora. Quando cheguei a catorze, ela abriu a porta para espiar o que eu estava fazendo. Então saiu mais uma vez, e bateu a porta mais uma vez, e eu contei mais uma vez, e depois mais uma vez, e então levantei e acendi a luz e me apressei. Eu

estava em desvantagem, porque vestia meu pijama e levei algum tempo para trocar de roupa. Vesti uma camisa suficientemente limpa, meus melhores sapatos e um casaco que combinava com uma calça grossa com um cinto bem forte. Mencionei o cinto por um motivo. Caminhei rapidamente até a porta e a abri. Olhei para o corredor para me assegurar de que S. Theodora Markson não estava esperando por mim, mas ela nunca seria tão esperta assim.

Me virei para o quarto. A luminária em forma de estrela abrihantava tudo. A garota com o cachorro com a pata enfaixada me encarava como sempre, como se estivesse entediada e torcesse para que eu lhe desse uma revista. Se eu soubesse que estava deixando a Suíte Extremo Oriente para sempre, talvez a tivesse encarado por mais tempo. Mas dei apenas uma olhada. O quarto parecia um quarto. Apaguei as luzes.

Havia duas figuras familiares no lobby, mas nenhuma delas era minha tutora. Uma era a estátua que sempre estive no meio do saguão, de uma mulher sem roupas nem braços. A outra era Próspero Perdido, o proprietário do hotel, de pé atrás do balcão com seu sorriso de sem-

pre. Era um sorriso que queria dizer que ele faria qualquer coisa para ajudar você, qualquer coisa mesmo, desde que não desse muito trabalho.

— Boa noite, senhor Snicket.

— Boa noite — respondi. — Como está sua filha?

— Se não tivesse ido dormir mais cedo, você a teria visto — Próspero me disse. — Ela passou aqui para me visitar e deixou uma coisa pra você.

— É mesmo? — perguntei. Ornette Perdido era uma das minhas aliadas e, por motivos que eu não compreendia bem, ela não vivia com o pai, mas sim com os tios, os únicos bombeiros que haviam restado em Manchado-pelo-mar.

— É mesmo — o pai disse, enfiando a mão em uma gaveta da escrivaninha para tirar uma pequena dobradura de lá. Eu a peguei bem quando o apito soou mais uma vez.

Era um trem.

— Ornette sempre teve talento para transformar materiais ordinários em coisas extraordinárias — Perdido disse. — Acho que está no sangue. A mãe dela gostava muito de escultura.